

Editorial

A relação entre filosofia e literatura é tão antiga que, quase, poderiam ser considerados gêmeos como os Ibejis, orixás irmãos que enganam a morte em um jogo no qual um troca repetidamente de lugar com o outro (PRANDI, 2001, p. 368-377). Se Homero é considerado fundador da Literatura ocidental, seus versos figuram enquanto componentes das reflexões dos pensadores gregos seminais. Além disso, a forma literária muitas vezes serviu de veio para a mais genuína filosofia, como no jogo dos Ibejis. Isso se verifica em muitas obras filosóficas clássicas que fogem ao convencional da expressão sistemática tradicional: Parmênides se valeu da poesia; Platão escreveu diálogos com personagens conceituais, como Sócrates; Montaigne criou o gênero literário do ensaio; Nietzsche, Schopenhauer e Wittgenstein registraram seus pensamentos em aforismos (MARGUTTI, 2013, p. 32-33). Alguns historiadores da filosofia não veem inconsistência em incluir literatos no desenvolvimento da sua história das ideias. É o caso por exemplo da Rússia. Na sua história da filosofia russa, Zenkovsky inclui Tolstoi (1953, p. 376-399) e Dostoiévski (1953, p. 400-432). O filósofo alemão radicado francês também acomoda literatos entre pensadores da tradição enquanto possibilidades do discurso filosófico: Byron (2012, p. 243), Aldous Huxley (2012, p. 392, nota 5), Goethe (2012, p. 409, nota 3; p. 414, nota 4; p. 425, nota 7; p. 435, nota 9 e p. 593, nota 2). São alguns dos exemplos.

No Brasil, essa relação resplandece a figura do literato-filósofo, exemplos de expressão filosófica na forma literária. Entre esses literatos-filósofos estão Machado de Assis, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. A figura do literato-filósofo é representativa do contexto latino-americano, enquanto uma característica dos povos ibéricos, o que sublinha, como no caso russo, a conexão entre filosofia e literatura (MARGUTTI, 2013, p. 12). Diversos são os trabalhos analisando a perspectiva filosófica presente nas obras de autores e autoras como Clarice Lispector (MARGUTTI, 2005, MURTA, 2011; DIDI-HUBERMAN, 2021), Guimarães Rosa (RANCIÈRE, 2021; AMARAL, 2019, 2016, 2011), Machado de Assis (MAIA NETO, 2021, 2016, 2007 A, 2007 B, 2005, MARGUTTI, 2007, NUNES, 1989) e Matias Aires (MARGUTTI, 2003).

Vêm para fortalecer esse entrelaçamento os artigos reunidos para compor o presente número especial da Revista Dialectus Dossiê Filosofia & Literatura.

José Raimundo Maia Neto propõe no seu artigo **Do “puro romance” à “obra supinamente filosófica”**: o papel de **Silvio Romero na virada do romance machadiano** uma diferenciação sobre as duas maneiras como a filosofia aparece ao longo da produção do Bruxo

do Cosme Velho. Em um primeiro momento, a filosofia aparece nos enredos como exemplificações dadas pelos personagens e situações. Na segunda, a filosofia e a ciência passam a ocupar lugar de destaque. O fator responsável por essa alteração é uma polêmica de Machado com Sílvio Romero.

No artigo **Uma interpretação hermenêutica do tempo e da memória no tomo I de *Em busca do tempo perdido***, Rita de Cássia Oliveira e Adriano Carvalho Viana aplicam ao primeiro tomo *O caminho de Swann* da obra *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust a hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur de tríplice definição – método, interpretação e reflexão –, cujos princípios de interpretação se abrem em dupla tarefa, qual seja, a reconstrução dinâmica interna do texto – seu sentido – e o poder de se projetar para fora dele – sua referência.

Marília Murta analisa no seu artigo **Chorar por Macabéa – enfrentamento do desamor em *A hora da estrela*** o livro de Clarice Lispector *A hora da estrela* enfocando a personagem Macabéa e sua relação com o narrador Rodrigo S.M, incluindo tanto a descrição da personagem e de seu lugar no mundo como a maneira como o narrador constrói relações com os leitores da sua história e com a própria história. A partir daí, a autora coteja essa análise com os conceitos de Judith Butler de conceitualização e vulnerabilidade, propondo um novo modo de relação social.

No seu artigo, **E do medo se fez riso ou dos usos do medo em Aristófanes: metacomédia e construção de personagem**, Jane Kelly de Oliveira aborda a temática do medo no horizonte do mundo clássico concentrando-se nas obras do comediógrafo Aristófanes a partir de duas perspectivas. Na primeira o medo aparece de forma isolada em determinadas cenas, como se encontra em *As Nuvens* e *Paz*. Já na segunda, o medo aparece como elemento estruturante temática da peça *As Rãs*.

Giuliana Ragusa, em **Temem heróis, temem heroínas: uma epopeia, um hino e um ditirambo**, apresenta um estudo a partir de três cenas extraídas de obras da poesia grega antiga – épica, hínica e mélica – sobre o temor como reação de heróis e heroínas à presença epifânica dos deuses, enfocando tanto a maneira como essa reação emerge quanto impacto dela para a moral e o andamento da obra na qual se dão.

Elaine Cristina Prado dos Santos em **A dualidade do medo de Medeia na tragédia de Sêneca** enfoca o tema do medo na famosa tragédia de Sêneca. A partir da batalha que a

personagem título da tragédia trava pela própria consciência, a autora discute o modo como Medeia busca extirpar o medo feminino e matar os próprios filhos.

No artigo **Abscrição. Apontamentos sobre *O corpo interminável*, de Cláudia Lage**, Alexandre Pandolfo traz o conceito de abscrição partindo de uma análise estética materialista do romance de Cláudia Lage *O corpo interminável*. O autor destaca a posição narrativa da mulher no romance e as ideias de ausência, falta e desaparecimento enquanto constitutivas da trama narrativa, com isso abordando os problemas filosóficos da ficção.

No texto **O anel verdadeiro não pode ser usado: uma saída panikkariana da lógica dos três anéis**, Valerio Marconi parte da análise da Parábola dos Três Anéis para discutir o conceito de diálogo caro a autores como Lévinas e Buber, mas adotando, não obstante, a noção de interindependência de Panikkar, que combina a interdependência presente na relação Eu-Tu de Buber e a independência ou separação sublinhada por Lévinas na relação com o outro entendida em termos de relação entre termos absolutos.

Partindo dos textos de Antonio Cândido e das leituras feitas desses trabalhos, Josué Borges de Araújo Godinho no seu artigo **Literatura e universidade: crises, tensões e colisões** aborda questões a respeito do ensino da literatura em um curso de Licenciatura em Letras, incluindo problematizações sobre a universidade no século XXI, o que inclui a precarização do trabalho e o contexto hiperbólico das novas TIC's.

Explorando aspectos da experiência humana compartilhada por meio da morte, Ricardo Peruzzi apresenta um paralelo entre a tragédia shakespereana do *Hamlet* e um dos textos seminais do daoísmo chinês, composto entre os séculos 3 e 5 a.C., o *Zhuangzi*. O artigo de Peruzzi, ***Questioning the skull: Zhuangzi e Hamlet on death*** investiga duas obras que ocupam tradicionalmente a fronteira entre filosofia e literatura.

Alex Lara Martins apresenta uma pesquisa em Machado de Assis em **Machado de Assis como filósofo brasileiro: orientações para a pesquisa**, analisando o dilema da crítica literária brasileira de uma perspectiva não colonial para abordar o dilema da relação entre o Bruxo do Cosme Velho e a filosofia, indicando métodos e temas de pesquisa não coloniais.

No artigo **Metafísica do tempo, do futuro e da história em Antônio Vieira**, Evanildo Costeski e Victor Nojosa partem da análise da metafísica do tempo, do futuro e da história em Antônio Vieira para compreendê-la como instância instauradora da plena unidade no cosmo,

sem perder de vista o tema da liberdade humana na sua tensão com a Presciência Divina. Os autores investigam a questão a partir de várias obras do padre Antônio Vieira.

O texto de Judikael Castelo Branco, **Entre “espírito e vida” e “o primeiro homem da sociedade”**: a literatura na filosofia de Eric Weil apresenta, a partir de dois momentos da obra do autor, realiza uma reflexão sobre alguns aspectos essenciais da natureza e da tarefa da filosofia.

Roberto Amaral e Juliana Santana em **Facetas da *hýbris*: das vestes reais esfarrapadas de Xerxes aos *parangolés* de Hélio Oiticica**, propõem uma reapropriação do conceito de *hýbris*, apresentando sua configuração na tragédia de Ésquilo *Persas* e em seguida abrindo um diálogo com a arte contemporânea refigurando o conceito como presença potente na arte contemporânea nos *parangolés* de Hélio Oiticica.

Daniel Benevides Soares propõe no artigo **Uma filosofia do pessimismo nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*** compreender a forma do pessimismo presente no romance do Bruxo do Cosme Velho a partir de três eixos: as formas filosóficas do niilismo, as discussões de intérpretes da obra machadiana como Maia Neto, Margutti, Nunes e Reale e a influência de Leopardi.

Resgatando a importância das agremiações literárias cearenses para a divulgação e debate de ideias filosóficas no final do século XIX em Fortaleza, Francisco José da Silva destaca figuras como Rocha Lima e Farias Brito no artigo **Filosofia e agremiações literárias no Ceará da segunda metade do século XIX**.

Em **Sobre a atitude prometeica: Francis Bacon e Victor Frankenstein**, Alex Calazans investiga a presença do pensamento de Bacon sobre o domínio da natureza na obra *Frankenstein* de Mary Shelley, partindo de chave de leitura filosófica, mais especificamente o tema compreendido como *atitude prometeica*, traçando um paralelo entre Victor Frankenstein e Francis Bacon.

Alexandre de Oliveira Fernandes em **Derrida leitor de Nietzsche: impactos para a literatura em campo expandido** explora a relação entre literatura e filosofia tendo como ponto de partida a obra *Esporas: os estilos de Nietzsche*, de Jacques Derrida.

Álvaro Lins Monteiro Maia, em **Do abjeto como *lumpenproletariat*: esboço de uma leitura lacaniana de Marx mediada por Georges Bataille**, se vale do abjeto contido no conceito *lumpenproletariat* para realizar uma articulação entre Bataille, Marx e Lacan.

Em **Literatura afro-brasileira nos “anos de chumbo” da ditadura militar no Brasil: identidade, (re)existência e combate ao racismo**, Antônio Roberto Xavier, Sarah Maria Forte Diogo e Edmilson Alves Maia Júnior tencionam, a partir de três teatros - o Teatro Experimental Negro, o Teatro Profissional do Negro e o Grupo Teatro Palmares Iñaron -, abordar a crítica ao autoritarismo e ao racismo feita pela literatura afro-brasileira dramática.

Em **Reflexão sobre: música popular, filosofia prática, arte, religião: verdades ou mitos?**, Arlei de Espíndola propõe a partir de Rousseau e seus comentadores, uma reflexão abrangendo saberes diversos, como música, arte, religião e filosofia.

No artigo **Transtemporalidade pau-brasil**, Hailton Felipe Guiomarino propõe o conceito de transtemporalidade para compreender polimorfia do tempo na obra de Oswald de Andrade.

Em **Uma possível afinidade ontológica da poesia *Silêncio e palavra* de Thiago de Mello com o conceito de *logos* em Heráclito de Éfeso**, José Dalvo Santiago da Cruz articula a filosofia de Heráclito de Éfeso com a poesia de Thiago de Mello, tendo como liame a *logos*.

Em **Do conceito de *aparelho* em Viém Flusser e do capitalismo de informação em Byung-Chul Han à duplicidade humana: um horizonte provável**, Juliana Tibúrcio Silveira Fossaluzza parte da sua experiência com o ensino remoto durante a pandemia para propor uma reflexão da fusão do humano com o aparelho propiciador do digital.

No artigo **A cultura de si em Édipo em Colono: uma análise foucaultiana**, Luciano Heidrich Bisol examina a recepção foucaultiana dos clássicos, incluindo o *Primeiro Alcebiades* de Platão e o *Édipo em Colono* de Sófocles.

Luciano Façanha, Cacilda Bonfim e Silva e Flávio Luís de Castro Freitas investigam no texto **Filosofia e literatura: da recusa ao consentimento do romance pelos filósofos da ilustração Montesquieu, Voltaire, Diderot e o caso Rousseau** apresentam a complexidade, a atitude de recusa e consentimento público dos filósofos da Ilustração para com o romance, na modernidade.

No texto **Primo Levi e a literatura como ato poético**, Marcelo Leandro dos Santos analisa a obra de Primo Levi como a expressão inaugural da literatura de testemunho, expressenado com um escrito não conceitual o pensamento que será estudado pela filosofia.

Em **Franz Kafka: uma busca constante pelo ser humano e pelo mundo**, Odair Camati, toma três obras do autor tcheco – *A metamorfose*, *O processo* e *O veredito* – para mostrar o alcance ético do autor.

No artigo **Breves considerações sobre a aproximação entre filosofia e literatura no pensamento de Arthur Danto**, Verônica Ferreira Bahr Calazans, partindo do questionamento sobre o que Danto entende por filosofia, procura trazer a resposta ao analisar a aproximação entre filosofia e literatura.

No texto **O “homem comum” na literatura de Kafka: um caleidoscópio que desmascara a alienação da vida cotidiana**, os autores Weslei Ribeiro de Cunha, Antônio Marcondes dos Santos Pereira e Eduardo Ferreira Chagas propõem, a partir da literatura de Kafka, um diálogo entre filosofia e literatura, tendo em vista o conceito kafkiano de homem comum e abrangendo autores como Benjamin, Arendt, Marx, Deleuze e Guatarri, Kundera e Dostoiévski.

Na seção de fluxo contínuo, o artigo **O direito à expressão artística na construção da “palavramundo”: reflexões de experiências engendradas do chão da escola da rede pública municipal de Fortaleza**, dos autores Weslei Ribeiro da Cunha, Eduardo Ferreira Chagas, Antônio Marcondes dos Santos Pereira debate sobre o direito à expressão artística para estudantes da rede pública de ensino a partir de uma experiência no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. O artigo **A possibilidade de uma educação museal na escola: um intercâmbio a partir da arte de Descartes Gadelha**, de Weslei Ribeiro da Cunha, José Olímpio Ferreira Neto e Eduardo Ferreira Chagas, apresenta reflexões sobre a possibilidade da educação museal nas escolas públicas municipais de Fortaleza.

Desejamos uma proveitosa leitura.

Judikael Castelo Branco

Roberto Antônio Penedo Amaral

Daniel Benevides Soares

Editores convidados.

Referências bibliográficas.

AMARAL, R. A. P. **Guimarães Rosa e Marcuse: a literatura como resistência política.** *Humanidades e Inovação*, v.6, n.i, 2019, p. 130 – 135.

AMARAL, R. A. P. **A questão do mal em *Grande Sertão: Veredas*: um diálogo entre Tomás de Aquino e o jagunço Riobaldo.** *Em tese*, v. 22, n.1, 2016, p. 21 – 30.

AMARAL, R. A. P. **A questão do narrador: Walter Benjamin e Guimarães Rosa.** *Revista Araticum*, v. 4, n.2, 2011, p. 52 – 61.

DIDI-HUBERMAN, G. **A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector.** Belo Horizonte: Relicário, 2021.

MARGUTTI, P. **História da filosofia do Brasil (1500 – hoje): 1ª parte: o período colonial (1500 – 1822).** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

MARGUTTI, P. **Machado, o brasileiro pirrônico? Um debate com Maia Neto.** *Sképsis*, n.1, 2007, p. 183 – 212.

MARGUTTI, P. **A dialética da linguagem e do silêncio em Ludwig Wittgenstein e Clarice Lispector.** Em MAC DOWELL, J. A.; YAMAMOTO, M. Y. (Orgs.): *Linguagem & linguagens*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARGUTTI, P. **Reflexões sobre a vaidade dos homens: Hume e Matias Aires.** *Kriterion*, n. 108, 2003, p. 253 – 278.

MAIA NETO, J. R. **A evolução cética da filosofia na ficção de Machado de Assis ao longo de quatro encontros na Rua do Ouvidor.** *Argumento – Revista de Filosofia*, Fortaleza, ano 13, n. 25, jan-jun 2021, p. 102 – 116.

MAIA NETO, J. R. **O desenvolvimento de uma visão de vida cética na ficção de Machado de Assis.** In ROCHA, João César de Castro (Org.): *Machado de Assis: Lido e relido*. São Paulo: Alameda Editoria/Editora UNICAMP, 2016.

MAIA NETO, J. R.. **O ceticismo na obra de Machado de Assis.** São Paulo: Annablume, 2007 A.

MAIA NETO, J. R. **Machado, um cético brasileiro: resposta a Paulo Margutti e a Gustavo Bernardo.** *Sképsis*, n.1, 2007 B, p. 212 – 226.

MAIA NETO, J. R. **Machado de Assis: ceticismo e literatura.** In: BERNARDO, Gustavo (Org.): *Ceticismo e literatura*. São Paulo: Annablume, 2005.

MURTA, M. **Um Deus no tempo ou um tempo cheio de Deus.** São Paulo: Edições Loyola, 2011.

NUNES, B. **Machado de Assis e a filosofia.** *Revista Travessia*; Universidade Federal de Santa Catarina; n. 19, 1989, p. 7 -23.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

WEIL, E. **Lógica da filosofia.** São Paulo: É realizações, 2012.

ZENKOVSKY, V. V. **A history of Russian philosophy: volume one.** Nova Iorque/Londres: Columbia University Press/Routledge & Kegan Paul LTD, 1953.